

passa-se depois sabão arsenical; immediatamente envolve-se os ossos das azas e das pernas em algodão, enchendo tambem todo vasio do animal com pastas de algodão. Deve-se retirar os olhos, tomando nota de sua côr, e collocando no espaço deixado pela ablação dos olhos, o algodão untado com sabão arsenical.

Este processo presta-se a todos os animaes, taes como: às aves, peixes, quadrupedes, reptis, etc., etc.

Não querendo dar-se a estes trabalhos, poderá remettel-os em alcool (aguardente de 24°), retirando apenas os intestinos do animal.

Collecções de materia medica (vegetaes)

Toda e qualquer planta secca (cascas, folhas, flores, fructos, raizes, resinas, gommás-resinosas e oleos).

VARIEDADE

DO ABUSO DOS PURGANTES (*)

Vai em seguimento a traducção de um artigo do excellent journal hespanhol, *A medictua Rural*, intitulado: *Á QUÊ VIENE PURGARSE?* A importancia pratica do assumpto, o acertado das reflexões, a propriedade de applicação a varios prejuizos dos nossos contrterraneos, a lição ao irreflectido procedimento de muitos dos nossos facultativos, determinaram-nos a publical-o, certos de que assim soltariamos o grito de alarme contra a

(*) Extrahido da «Coimbra Medica».

rotina que entre nós ainda está n'este particular, eivando perniciosamente a pratica medica.

« Talvez haja quem julgue sahirmos do objecto da hygiene, combatendo hoje o abuso dos purgantes; não é porém assim, porque se administram ás vezes no intuito de prevenir enfermidades e ha muitas pessoas que sem tom nem som se purgam por costume todos os mezes. Ora a combater taes erros mira este artigo que desejarei convença esses *xaropistas* a quem alludo, ainda que me traga a inimizade de algum boticario — o que sentiria — e que não espero, pois são mais vulgarisados os purgantes mais baratos, do dominio do droguista ou do herbolario.

« Eu não sei em que má hora veio ao mundo o purgante; mas deve dizer-se que, se elle soubesse as perturbações que tem causado á humanidade em todos os seculos de sua existencia, teria feito bem furtando-se ás vistas do homem e dos animaes, porque um animal o descobriu; e o homem, por não ser menos, logo copiou a descoberta, como tem copiado mil outras cousas, — que a final, bom ou máo grado nosso, teremos, segundo os darwinistas, afinidades notaveis uns com o titi e os outros com o chimpanzé.

« Antes de existirem na terra os primeiros medicos, — e certamente não estavam mal os seus habitantes quando lhes não eram precisos —, existia a medicina como instincto, desenvolvendo-se com a necessidade. O instincto ensinou á cabra a comer elleboro negro quando necessitava purgar-se, e o instincto obrigava outro animal a revolver-se entre os cardos para produzir com os espinhos a perda de sangue que dêsse remedio á sua plethora. O homem, observando-o, fez a si

proprio a applicação, dando assim origem a duas calamidades, — o purgante e a sangria.

« Mas não basta lançar este anathema; é necessario produzir razões, visto que se hão de adduzir factos, que teremos de contestar tambem com factos que demonstrem os funestos resultados do abuso d'essas *medicinas*. Por hoje não fallarei da sangria, a que tenho ainda mais odio que aos purgantes; só d'estes me occuparei.

« E, parecerá mentira, ha quem não tenha fé em nenhum medico e em nenhum remedio, e a têm nas suas pilulas *reguladoras* ou nos seus folliculos de senne, misturadas com sal de fogueira, xarope barato, facil de fazer, e innocente . . . ao parecer.

« Não é caso para extranhezas. O purgante nos acompanhou no berço, segue-nos sempre os passos e não nos deixa até á morte. Quem d'antes adoeceria, sem lhe propinarem uma purga em guiza do preambulo? E ainda hoje quantos medicos se não julgam no dever de fazel-o?

« Apenas nasce o infante e logo acode ministrar-lhe com a maior brevidade o xarope de rhuibarbo, *para limpar o tubo digestivo*; enorme desproposito que prova a maior ignorancia. Como se a natureza, mais sabia que todas as comadres, havidas e por haver, não houvesse adjudicado ao primeiro leite da mãe melhores propriedades para o desejado effeito!

« Depois, quando ainda não passou o primeiro anno da vida, e começam as alterações consecutivas á erupção dentaria, vovvem os purgantes a representar papel necessario na vida da pobre criança, á qual por certo não favorecem. Desgraçado do menino que se não baba! Infeliz do que não tem diarrhea! Como hão de brotar os dentes sem que a *criança babe* um litro de saliva por dia? Como haverá dentes sem repetidas

dejecções? O purgante é, pois, tanto para um como para outro caso insubstituível. E a criança victima d'esta medicação, por conselho da vizinha que *ouviu* ou *viu* em outra criança o bom exito d'esta pratica, ou por prescripção do medico, *que alguma cousa ha de fazer*, a criança dizemos, vai soffrendo com estes erros, que começam por difficultar-lhe as digestões, sobre-excitando o figado e os intestinos, e que depois hão de trazer-lhe — por durar muito o tratamento —, atrazo na evolução e empobrecimento geral.

« Vêm depois as enfermidades proprias da infancia, o sarampo, a escarlatina, a variola, e não é de extranhar que acompanhe estas molestias constipação total. Pois bem; ha quem diga que estes phenomenos — naturaes no doente — necessitam corrigir-se; necessitam a applicação de um purgante, causando provavelmente, um ou outro, perturbações na marcha natural do padecimento, perturbações na erupção, ou pelo menos inuteis incommodos, de todo o ponto desnecessários.

« Vejamos. Que faz um purgante ingerido em nosso corpo? Será verdade que nos limpa as tripas, como uma escova a cozinha?

« Não. O purgante não faz mais do que excitar as visceras e órgãos que contribuem para a digestão para exercerem as suas funcções com a maior actividade; uns produzindo mais liquidos, e os outros determinando mais energia em seus movimentos. E que succederá se estes effeitos são repetidas vezes sollicitados? Os órgãos habituaem-se; cada vez se necessita maior excitação para igual effeito, e em virtude de uma lei physica « a reacção é igual e contraria á acção », acontece que á applicação de um purgante segue sempre um aperto tão grande como foi o effeito d'aquelle; e se se continúa na administração d'esses remedios,

resulta que dentro em breve o artificial substitue o natural, e os purgantes chegam a ser parte necessaria de nossa vida.

« Que desgraçada medicina! Quanta gente te possui! Pedi á vossa porteira um conselho medico, e voi-o dará seguramente. Pedi-lhe em troca uma receita culinaria, e com difficuldade vol-a arranjará.

« Por minha parte todos os dias ouço d'estas palestras: — Ai, amiga, como me tenho sentido mal estes dias!

« — Então que é?

« — Sem febre, sinto comtudo um mal-estar que não me deixa um instante de socego.

« — O que deves fazer é purgar-te; e se não, verás como o medico diz o mesmo. » *Et sic de cæteris....* porque não é necessario continuar as demonstrações.

« Dizer lingua suja e pensar em um purgante que limpa o estomago é tudo um. E aqui me assalta a recordação de uma leitura de Rabelais, de que vou dar amostra: — « Pouco tempo depois o bom Pantagrue! cahiu enfermo com o estomago tão perdido, que não podia comer nem beber. Por conselho dos medicos se deliberou que se lhe extrahiria o que deteriorava o estomago. Fizeram-se para isso desoito bolas de cobre, mais grossas do que as da agulha de Virgilio em Roma, e com tal arte que se abriam pelo meio e se fechavam com mola. N'uma d'ellas entrou um dos seus creados com uma lanterna e um archote acceso, e Pantagrue! a engoliu como uma pilula. Em outras cinco entraram cinco lapuzes com vassouras presas ao pescoço; em outras sete entraram sete varredores de lixo com cestos ao pescoço, e todos foram engolidos como pilulas. Logo que chegaram ao estomago, soltou cada qual a sua mola e sahiram dos seus cubiculos, primeiro o que levava a lanterna, e assim andaram mais de meia hora por um golpho horrivel.... Depois de varias explorações e tentativas, encontraram a ma-

teria peccante e os humores corrompidos. . . Feita a limpeza, cada qual se retirou á sua bola, que Pantagruel pode vomitar, ficando assim curado.»

«O paragrapho transcripto critica, melhor que eu poderia fazel-o, este prejuizo tão generalizado: — *o estomago sujo*, onde costuma *fazer a limpeza* de tempos a tempos a escova da purga.

«Tambem recordo um estudante de medicina que dava os seus primeiros passos na carreira, a quem o professor perguntou um dia deante do enfermo, e depois de ouvida a historia, o que lhe daria para cural-o. O discipulo, um tanto orgulhoso com a sua pretendida sciencia, disse: que em vista da sujidade da lingua, julgava opportuna a administração de um purgante. De outro parecer sou — replica o mestre — pois considero util que se dêem sopas e algum vinho; vamos a ver se d'este modo se limpa melhor a sujidade da lingua. Com effeito, o enfermo tomou a sopa e a capa branca da lingua desapareceu; e em vista d'isto o professor recommendou que se não fizesse grande caso de linguas brancas, que podem indicar muitas cousas, e que agora indicava só haver dormido o doente com a bocca aberta.

«E comprehende-se que assim seja. O tecido ou pellicula que tapeta a lingua póde perder a transparencia e tornar-se opaco, branco, por mil causas, entre as quaes se conta a evaporação, ou melhor a vaporisação da saliva. Outras vezes o muco produzido por um catharro do estomago sóbe, em virtude das leis da capillaridade, á lingua, e esta toma côres differentes d'aquella, ou a côr devida á falta de nutrição d'essa mesma pellicula que tapeta a lingua, e n'esse caso ennegrece, porque a temperatura e a falta de nutrição produzem este effeito (febre typhoide).

.....
«Os purgantes são aconselhados por toda a gente aos que vão

tomar banhos, e não é máo applical-os em alguns casos particulares; mas propinam-se sempre, e considera-se como disparate metter-se alguém na agua sem antes se haver limpado por dentro. É que o vulgo se afadiga «em medicina» por tirar de um facto particular consequencias geraes; e generalisar certas praticas, geralmente ridiculas, e ás vezes nocivas, como no caso presente.

«O ouvi dizer, toda a gente o faz, fez bem a fulano : são phrases pelas quaes nos libertamos do trabalho de pensar por nós mesmo, e em troca tem as vantagens de privar-nos das responsabilidades subsequentes.

«Quer me acreditem, quer não, offenda ou não offenda alguém, direi que o abuso dos purgantes d'este modo, a troxe moxe e sem tom nem som, é de todo o ponto contraproducente, não cura, e sómente dissimula na occasião e aggrava depois a enfermidade que se pretende curar. A hygiene pronuncia-se contra todos os habitos, mas contra este se levanta mais energicamente; e conta que é necessario purgar-se todos os dias para adquirir rapidamente o habito e a necessidade de fazel-o.

»Os Egypcios tinham em tempos remotos o costume de provocar o vomito de vinte oito em vinte oito dias, isto é, em cada periodo lunar, com o proposito de prevenir as molestias. Extra-nho modo de conseguil-o!

«Os Romanos, no tempo do imperio, tinham nos seus palacios uma habitação especial, *vomitorium*, onde, depois das orgias, provocavam o vomito para saciar a gula. Talvez invocassem a deusa Hygeia nos seus opiparos banquetes!

«Pois bem. Essa pratica dos egypcios, chamada *sirmasimo*, parece-me que hoje, modificada por nossos costumes e adeantamento, tem o seu representante fiel na pratica dos purgantes por qualquer motivo ou accidente. Quantos ha que se purgam

todas as primaveras, e em tempo secco e quando se recebe um susto, e . . . quando lhes doe a cabeça!

« Espero que me repliquem que a constipação de ventre é cousa que também apresenta inconvenientes, e que, entre dois males, deve escolher-se o menor. Eu responderei que é melhor buscar os remedios na hygiene que na therapeutica, e não terminarei este artigo sem dizer alguma cousa de como podem evitar-se estas molestias sem recorrer a *xaropes*.

« As senhoras e litteratos são os que mais frequentes vezes são accommettidos de constipação; e dizendo isto dou a entender que a vida molle e sedentaria produz com grande facilidade este effeito; evitem estas causas e evitar-se-hão os seus naturaes resultados.

« Nas classes jornaleiras e de mediana posição social, tem-se observado também menor disposição para aquelle padecimento e para isto influem varias causas, entre as quaes citarei uma muito curiosa.

« É sabido que o pão quanto mais branco menos quantidade de principios alimentares contém, e mais materia amylacea ou amydo, que todos conhecemos como adstringente. Pois bem: comer pão demasiado branco costuma ás vezes ser a unica causa da prisão de ventre, e n'esse caso não ha melhor purgante do que um pão de inferior qualidade, que possua uma materia chamada *cellulose*, bastante difficil de digerir, e que excita moderadamente, como corpo extranho, os movimentos intestinaes.

« Estas e outras medidas hygienicas, que seria prolixo enumerar, costumam ser sufficientes para remediar as que ao principio são pequenas molestias, e podem converter-se em verdadeiros males só com a inconsiderada applicação de tão disparatada therapeutica.

« Porém os amanteticos das purgas podem ter a consolação de que, por sua morte, irão direitos ao céu.

« Porque para *purgatorios* bastam e sobram os que conheceram na vida.»